



Cunha delin.

Abrantes grav.

15

PEDRO ALVARES CABRAL, primeiro descobridor da Nova Lusitania, illustre pela nobreza de seus maiores, e não menos pela sua fortuna, e valor mereceu immortalizar se como um dos mais assignalados Heroes, que muito acreditaram o Reino, e a Nação. Era filho de Fernão Cabral, que foi Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte, e Adiantado na Provincia da Beira, e de D. Isabel de Gouvêa, filha herdeira que veio a ser de João de Gouvêa, Senhor de Almendra, Alcaide mór da Còvilhá, e Castello Rodrigo; e neto pela parte paterna de Fernão Alvares Cabral, Senhor de Azurara, Alcaide mór de Belmonte, e Guarda mór do Infante D. Henrique, filho d'ElRei D. João I., a quem mataram os Mouros no cerco de Tangere, e de D. Teresa de Andrade, filha de Rui Freire de Andrade, filho do Mestre D. Nuno Freire, e de D. Maria Fernandes de Meira sua mulher. Os desta familia, e appellido de Cabral eram, como traz Brand. na IV. Part. da Monarch. Lusit. mui antigos neste Reino, e tinham para si haverem ficado na Hespanha do tempo dos Gregos; e se bem era isto duvidoso, occuparam sempre os lugares de maior honra em Portugal, e nelles permaneceu o Senhorio de Belmonte, e de outras muitas terras por linha de baronia nunca interrompida, e com mui notaveis prehemincias, como era entre outras a de nunca prestarem homenagem dos Castellós, e praças, que governavam, como faziam no de Belmonte. Quasi todos os Nobiliarios começam a sua descendencia de Gil Alvares Cabral, que foi cazado com sua prima Maria Gil Cabral, Instituidora de uma Capella em Belmonte, com Capellães, e Mercearias, e delles foi filho Pedro Eannes Cabral, vassalo d'ElRei D. Affonso III., e seu Reposteiro mór, que vivia pelos annos de 1260, e o mesmo Brandão aponta em particular em uma Escriptura de Contrato entre o

Infante D. Affonso, Senhor de Portalegre, e outras terras, filho do mesmo D. Affonso III. com a Ordem, e Convento de Avis, em Setembro de 1288, aindaque nella não fez o Officio de Reposteiro mór. Despois de descuberta a India pela diligencia, e boa ventura do felicissimo Rei D. Manoel, determinou este mesmo Rei, que começassem a correr armadas deste Reino cada anno ordenadamente; e querendo no de 1500, que foi o seguinte á chegada de D. Vasco da Gama, mandar lá um Fidalgo para firmar aliança com o Rei de Calecut, e levantar naquella Cidade uma feitoria, como principio do grande commercio do Oriente, nomeou a PEDRO ALVARES CABRAL pelas boas qualidades de sua pessoa, e informação, que delle havia, e o mandou por Capitão mór de uma armada de treze velas, de dez náos, e tres navios redondos, e mil e duzentos homens, com outros Capitães debaixo do seu commando. Foi esta a segunda que sahiu de Lisboa para aquellas partes, e PEDRO ALVARES CABRAL o segundo Argonauta, que tentou aquella nova, e perigosa navegação, despois de seu primeiro descobridor. Aprazado o dia da partida, em demonstração de seu empenho, e alvoroço, foi ElRei com toda a Corte a Nossa Senhora de Bellem, e ahi mandou celebrar Missa na Hermida do Restelo em Pontifical, em que prégoou D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, que despois foi de Vizeu, e em quanto este acto durou teve junto asi dentro da cortina de sua tribuna a PEDRO ALVARES, e lhe entregou despois de sua propria mão uma bandeira, que em todo o tempo esteve arvorada, e fez benzer no fim da Missa pelo mesmo Bispo; e lhe poz na cabeça um barrete bento, que o Papa lhe havia mandado por grande honra. Com esta solemnidade, acompanhado do Rei até se embarcar, sahiu do porto de Lisboa ao outro dia segunda-feira 9 de Março daquelle anno de 1500, e proseguiu sua viagem com vento favoravel. Aos 14 daquelle mez houve vista das Canarias, e aos 22 das Ilhas de Caboverde, mas passando a de S. Thiago lhe sobreveio entre ellas antes de tomar o cabo tamanho temporal, que se deu com todas as outras náos quasi por perdido, o que ElRei D. Manoel tomou

a máo agouro, quando o soube por Luiz Pires, um dos Capitães, que apartando se com a tormenta da campanha veio arribado a Lisboa. Livre do temporal por fugir da costa de Guiné, onde as calmarias poderiam embaraçar seu caminho, sahiu ao mar, quanto mais lhe convinha para melhor dobrar o cabo da Boa Esperança. Empégado demasiadamente no Oceano Austral, sendo já um mez que ia naquella derrota se achou a 24 de Abril á vista de terra da parte de Oéste, terra incognita, e não esperada pelos navegantes naquella altura; e obrigado do mar a costear, correndo até quinze grãos de latitude Austral, chegou a um porto, a que deu nome, como ainda hoje tem, de *Porto Seguro*, e descobriu a grande terra, que intitidou por sua devoção *Terra de Santa Cruz*, em memoria de uma, que mandou arvorar em um padrão de pedra, e ahi fez celebrar Missa com solemnidade, e sermão, o que fez Fr. Henrique de Coímbra, Franciscano, que ia por Guardião de alguns Frades, que depois foi Confessor d'EIRei, e Bispo de Ceuta. Com este descobrimento teve PEDRO ALVARES notavel prazer, e veio grande honra á Nação Portugueza; e para informar EIRei D. Manoel, mandou a Gaspar de Lemos em seu navio, que em breve chegou a Lisboa, e deu com esta nova grande contentamento em todo o Reino. Por algum tempo permaneceu nesta terra o nome de *Santa Cruz*, e a mesma que fôra arvorada durou alguns annos em seu lugar, mas depois se lhe trocou em o de *Brazil*, que hoje tem do páo vermelho assim chamado, que he o maior commercio daquelle continente. Alegre com tão feliz acontecimento sahiu a 3 de Maio com toda a frota em direitura ao cabo da Boa Esperança, cuja travessa não he menos de quasi mil e duzentas leguas de mar mui bravo, e tormentoso; e navegando com vento de servir, lhe sobreveio no dia 23 de Maio de repente tão furiosa tempestade, que em um instante lhe meteu a pique quatro navios, sem dar tempo a se lhes poder acudir, nem se salvar alguém delles, sendo um o de Bartholomeu Dias, que descobrira o cabo da Boa Esperança, que veio aqui acabar a vida lastimosamente, mais digna por certo de melhor sorte; e lhe deixou as ou-

tras sete embarcações meias alagadas, que pouco faltou para çoçobrarerem. Passado este tão grande perigo, que durou vinte dias contínuos, em que correram arvore secca, depois de dobrado o cabo, e unidas á sua armada todas as embarcações na costa de Sofala, que com o temporal andavam derramadas, chegou a Moçambique a 20 de Julho, onde foi melhor recebido da gente da terra do que fôra D. Vasco da Gama; e não se demorando mais de seis dias, tornou a sua viagem a longo da costa, caminho de Quiloa, onde aportou em 26 do mesmo Julho, cujo Rei o recebeu com mostras de amizade, mas praticando depois enganos, e falsidades ao terceiro dia das vistas que com elle teve se partiu para Melinde, e chegou a 2 de Agosto, e foi festejada a sua ida pelo Rei como de amigo que se dizia d'ElRei de Portugal, e lhe entregou o Embaixador do mesmo Rei que levava com sigo, e muitos presentes consideraveis. Partido daqui para Calecut a 7 de Agosto, levando com sigo dous pilotos Guzarates para guia, foi surgir a Anchediva aos 27, atravessando o golfo com prospera viagem, e demorando se só quinze dias nesta Ilha para provimento, e refresco das náos a 13 de Setembro aportou em Calecut ultimo, e desejado termo de sua navegação. Com a vinda a seus Estados mostrou o Samorim extremos de alvoroço, e muito agradecimento á honra de procurar ElRei de Portugal sua aliança. Houve audiencia, em que CABRAL foi recebido com pompa, e luzido acompanhamento de toda a sua Corte, e sem se negar a nenhuma couza, das que lhe foram propostas, permittiu que se assentasse feitoria, que se arvorasse bandeira de Portugal, e foi nomeado André Corrêa por Feitor, ou Consul da Nação, de que tomou posse pacificamente; porém como a tenção do Samorim apezar destas couzas era só de procurar traições, e enganos cautelosamente, como as que praticára com D. Vasco da Gama; em castigo da perfidia, e morte de Aires Corrêa, e de outros Portuguezes, que estavam em terra, sentido de tamanho desastre, em que fôra violado o Direito das Gentes com fêra atrocidade, ao outro dia 17 de Dezembro mandou acometter mais de quinze náos, que estavam no porto

carregadas de fazendas, caindo sobre ellas com tão terrivel estrago; que foram todas abrazadas com o fogo da artilharia, e sem morrer nenhum Portuguez mortos muitos Mouros, e postos a grillhões quantos escaparam de queimados, ou afogados: e acabada esta destruição das náos por dous dias inteiros varejou a Cidade com tanto damno, que deixou derribadas as casas, quebradas as arvores, juncadas as ruas de cadaveres, e obrigado a fugir o Samor m para o certão, assustado por ver junto de si despedaçado de um pelouro um Naire seu particular valido. Feito isto, sem mais esperar se fez á vela para Cochim dali distante trinta leguas ao longo da costa contra o Meiodia, e chegando a 24 de Dezembro, e deixando pazes estabelecidas com o seu Rei, e juntamente por Embaixadores com os Reis de Coulaõ, e de Cananor, que eram os principaes do Malabar depois do de Calecur, carregadas suas náos de fazenda se tornou para o Reino, vindo na volta por Cananor; onde recebeu as mostras de honras, e amizade, que podia esperar, e chegou ao porto de Lisboa vespera de S. João 23 de Junho de 1501. EIRei D. Manoel segundo a estimação em que tinha todas as couzas da India, o recebeu com grande solemnidade, e lhe fez muitas honras por todas as acções, que obrára em obsequio seu. Outra vez o quiz o mesmo Rei mandar por Capitão mór de outra armada de quinze velas, que havia de sair no anno seguinte de 1502; mas como CABRAL era homem de muitos primores em pontos de honra, e algumas couzas se não determinavam a seu gosto no regimento della, se escusou, no que discontentou muito a EIRei; e em alguns requerimentos, que depois teve com elle, nunca lhe quiz satisfazer. Foi cazado com D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Noronha, irmão de D. Pedro de Noronha, Mordomo mór d'EIRei D. João II., e seu Embaixador, Alcaide mór de Obidos, e Commendador mór de S. Thiago, e de D. Constança de Castro sua mulher, e della houve Fernão Alvares Cabral, e Antonio Cabral, que morreram sem successão, D. Constança de Noronha, que foi mulher de Nuno Furtado, Commendador de Cardiga, e D. Guimar de Cas-

tro, Freira Dominicana no Conventô da Rosa de Lisboa. O seu
Retrato da mesma sorte que aqui vai, he conforme ao que está
no Paço Velho.